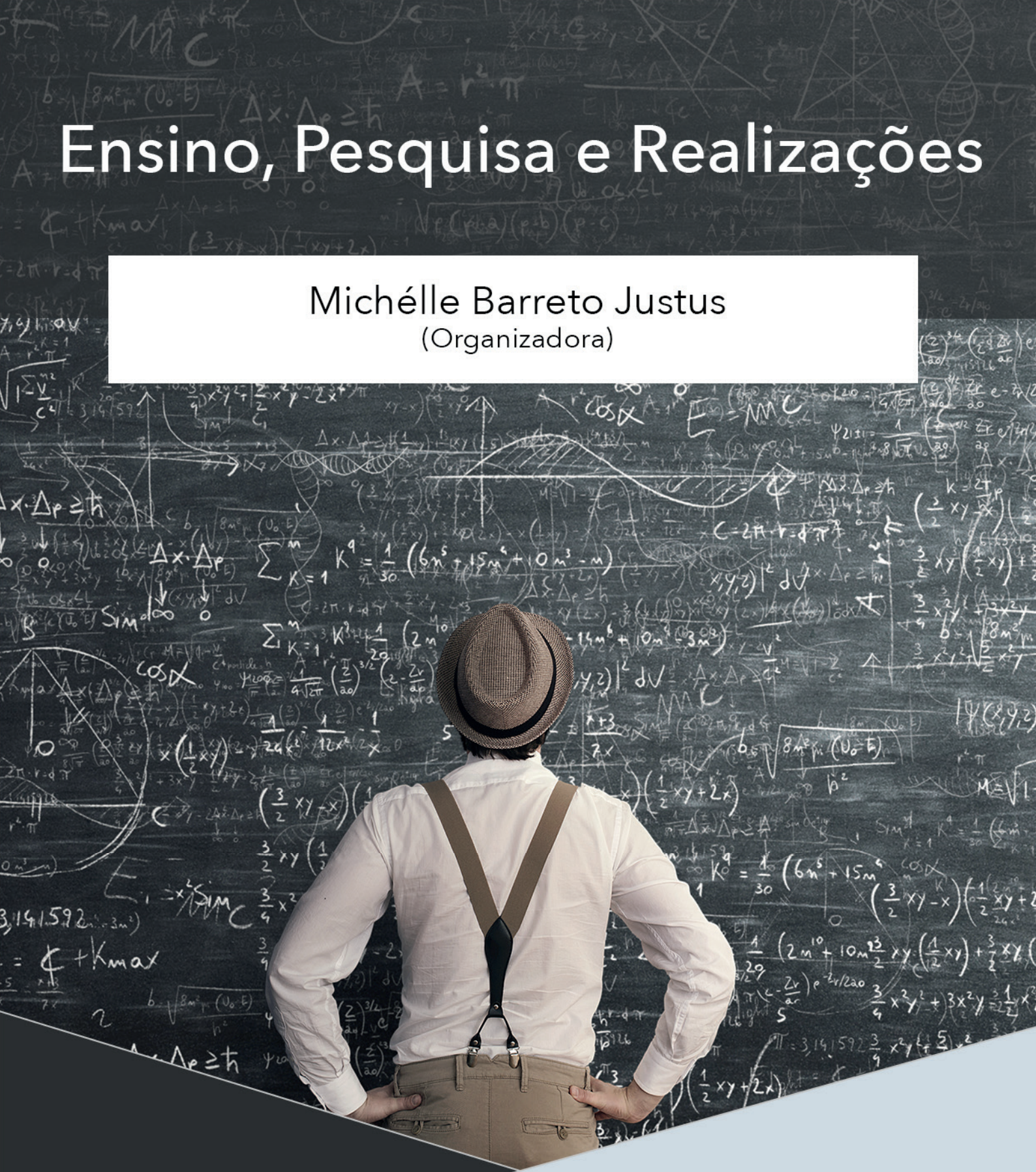


Ensino, Pesquisa e Realizações

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Michéle Barreto Justus
(Organizadora)

Ensino, Pesquisa e Realizações

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E	Ensino, pesquisa e realizações [recurso eletrônico] / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-006-3 DOI 10.22533/at.ed.063181212 1. Ciência – Brasil. 2. Pesquisa – Metodologia. I. Justus, Michéle Barreto. CDD 001.42
---	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os estudos e pesquisas advindas do Ensino Superior podem contribuir sobremaneira para a melhoria das condições de vida da sociedade em geral, reafirmando o papel fundamental do conhecimento científico como ferramenta para a superação de vários problemas sociais vivenciados em nosso país.

Nesse sentido, o material intitulado “Ensino, pesquisa e realizações” ganha importância por constituir-se numa coletânea de estudos, experimentos e vivências de seus autores, tendo por objetivo reunir e socializar os estudos desenvolvidos em grandes universidades brasileiras.

A obra está organizada em 2 eixos: estudos teórico-metodológicos acerca de temas pedagógicos e pesquisas sobre processos biológicos e tecnológicos, reunidos em 27 artigos científicos.

Os artigos apresentam pesquisas direcionadas ao ambiente educacional, às práticas e metodologias de ensino, ao estudo da história e às possibilidades de soluções práticas de questões cotidianas nas áreas de enfermagem e das ciências exatas e tecnológicas.

Certamente os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico, pois proporcionam ao leitor uma gama de leituras que permitem análises e discussões sobre assuntos pertinentes à pedagogia, à biologia e à tecnologia numa perspectiva científica, através de linguagem clara e concisa, que propicia ao leitor a aproximação e o entendimento sobre alguns temas abordados nessas áreas do conhecimento.

Michéle Barreto Justus

SUMÁRIO

ÁREA TEMÁTICA PEDAGOGIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E INCLUSÃO

CAPÍTULO 1 1

ANÁLISE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: SUBSÍDIOS PARA UM DEBATE

[Renan Lucas Vieira dos Santos](#)

[Tatiana Costa Coelho](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812121

CAPÍTULO 2 8

A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA FRENTE AOS DESAFIOS

[Andreia Nunes de Castro](#)

[Rosângela de Fátima Cavalcante França](#)

[Sergio Paulo Mesquita Junior](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812122

CAPÍTULO 3 18

AS CONTRIBUIÇÕES DE PRÁTICAS LUDICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTANCIA DO PAPEL DO PEDAGOGO.

[Magnólia Maria Oliveira Costa](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812123

CAPÍTULO 4 30

O TRABALHO PEDAGÓGICO REALIZADO COM BEBÊS NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CORNÉLIO PROCÓPIO-PR

[Roseli de Cássia Afonso](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812124

CAPÍTULO 5 41

INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

[Ivone Miranda dos Santos Menezes](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812125

CAPÍTULO 6 55

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O ENSINO E APRENDIZADO DA DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

[Kathya Maria Ayres de Godoy](#)

[Ivo Ribeiro de Sá](#)

DOI 10.22533/at.ed.0631812126

CAPÍTULO 7 68

RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA, PROJETO ENVELHE SER E VIDA EM MOVIMENTO

[Mírian Pereira Gautério Bizzotto](#)

Olívio José da Silva Filho

DOI 10.22533/at.ed.0631812127

CAPÍTULO 8 80

VIVÊNCIAS JUVENIS INSCRITAS EM UM PROJETO EXTENSIONISTA DE INCLUSÃO DIGITAL

Rosane Maria Castilho

Flávia Valéria Cassimiro Braga

DOI 10.22533/at.ed.0631812128

CAPÍTULO 9 96

EFEITO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NO RENDIMENTO DE MESTRANDOS NA DISCIPLINA DE FISIOLOGIA DA PRODUÇÃO VEGETAL NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UEG

Camila Lariane Amaro

Diego Braga de Oliveira

Patrícia Souza da Silveira

Fábio Santos Matos

DOI 10.22533/at.ed.0631812129

CAPÍTULO 10 102

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL PARA O MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA SENAC RN

Maria Augusta da Cunha Pimentel

DOI 10.22533/at.ed.06318121210

CAPÍTULO 11 117

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Victor Fabiam Gomes Xavier

Clecia Simone G. R. Pacheco

DOI 10.22533/at.ed.06318121211

CAPÍTULO 12 129

INTEGRANDO AS PARTES AO TODO: BEM-VINDOS AO SENAC SÃO CARLOS

Márcia Cristina Fragelli

DOI 10.22533/at.ed.06318121212

CAPÍTULO 13 133

MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO INICIAL EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS RECENTES

Lucas Rinaldini

Jéssica Priscila Simões

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121213

ÁREA TEMÁTICA METODOLOGIAS DE ENSINO

CAPÍTULO 14 140

A UTILIZAÇÃO DAS “TIRAS HUMORÍSTICAS” COMO RECURSO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE

CAPÍTULO 15 151

CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA

Jhenyfer Caroliny Almeida
Luciana Aparecida Siqueira Silva
Christina Vargas Miranda e Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.06318121215

CAPÍTULO 16 159

CADEIAS DE MARKOV: UMA APLICAÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Diogo Meurer de Souza Castro

DOI 10.22533/at.ed.06318121216

CAPÍTULO 17 171

O PEQUENO CIENTISTA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA SOBRE OS MICROORGANISMOS (BACTÉRIAS, FUNGOS E PROTOZOÁRIOS)

Marcelo Duarte Porto
Everson Inácio de Melo
Nayara Martins de Mattos
Mariana de Moraes Germano
Paloma Oliveira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.06318121217

CAPÍTULO 18 178

METODOLOGIAS ATIVAS PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM COMPARATIVO DAS METODOLOGIAS FUNDAMENTADAS NA PROBLEMATIZAÇÃO

Ana Carolina de Moraes
Marta Jussara Cremer

DOI 10.22533/at.ed.06318121218

CAPÍTULO 19 194

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS PARA PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Edilmar Marcelino
Ana Beatriz Buoso Marcelino

DOI 10.22533/at.ed.06318121219

CAPÍTULO 20 204

PEDAGOGIA ATIVA: CONSTRUINDO SABERES NO ENSINO SUPERIOR

Alexandre Russo
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
Marcos Correa

Mirian Nere

DOI 10.22533/at.ed.06318121220

CAPÍTULO 21 209

O USO DO WHATSAPP NO ENSINO

Ernane Rosa Martins

Luís Manuel Borges Gouveia

DOI 10.22533/at.ed.06318121221

CAPÍTULO 22 217

TRILHA URBANA E ANÁLISE DO ESPAÇO- TEMPO NO CENTRO HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO COM USO DO GEOPROCESSAMENTO

Paulo Elísio Marinho Abrantes

Gleide Alencar Do Nascimento

João Carlos Nara Junior

Reinaldo Bernardes Tavares

DOI 10.22533/at.ed.06318121222

ÁREA TEMÁTICA PESQUISA HISTÓRICA

CAPÍTULO 23 237

HISTÓRIA E IMAGINÁRIO SOCIAL DAS PROFESSORAS NO PROCESSO EDUCACIONAL NO BRASIL

Gláucia da Rosa do Amaral Alves

Elsbeth Léia Spode Becker

DOI 10.22533/at.ed.06318121223

CAPÍTULO 24 253

CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E CULTURA AFRODESCENDENTE:

A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA ANA LAURA (PIRACANJUBA/GO)

Iván Mauricio Perdomo Villamil

Flávio Reis dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121224

CAPÍTULO 25 268

A INDUMENTÁRIA FEMININA EM ANÁPOLIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1950

Amanda Milanez Fenerick

DOI 10.22533/at.ed.06318121225

CAPÍTULO 26 283

A INOPERÂNCIA DO ESTADO DIANTE DAS BARBÁRIES NO HOSPITAL COLÔNIA EM BARBACENA-MG

Fernanda Cristina de Brito

Márcio A. R. Rezende Filho

Juliana do Nascimento Farias

Cristiano Garcez Gualberto

DOI 10.22533/at.ed.06318121226

CAPÍTULO 27 288

A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE NATUREZA NO PAMPA SOB O OHAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Renata Lobato Schlee

Paula Corrêa Henning

DOI 10.22533/at.ed.06318121227

CAPÍTULO 28 303

EDUCAÇÃO, EXCLUSÃO E SILENCIAMENTO: A ESCOLA PÚBLICA NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (1850-1889)

Vinicius Teixeira Santos

DOI 10.22533/at.ed.06318121228

CAPÍTULO 29 316

SOBRE AS NOÇÕES DE SEMELHANÇA E DESSEMELHANÇA NA DEFINIÇÃO DA HUMANIDADE INDÍGENA: UM ESTUDO A PARTIR DE UM TEXTO JESUÍTICO DO SÉCULO XVI

Marcos Roberto de Faria.

DOI 10.22533/at.ed.06318121229

ÁREA TEMÁTICA PROCESSOS BIOLÓGICO E TECNOLÓGICOS

CAPÍTULO 30 321

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE NEOPLASIAS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Francisco Lucas Sales Dressler Silva

Thyago Pereira Douglas Machado

Felipe Valino dos Santos

William Dias Borges

Glenda Keyla China Quemel

Ana Gabriela Sousa Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.06318121230

CAPÍTULO 31 326

ANÁLISE COMPARATIVA DO CRESCIMENTO INICIAL DE *EUCALYPTUS GRANDIS* HILL EX MAIDEN (MYRTACEAE) E *GUAZUMA ULMIFOLIA* LAM. (MALVACEAE)

Thaynara Martins de Oliveira

Rayane Rodrigues Ferreira

Jales Teixeira Chaves Filho

DOI 10.22533/at.ed.06318121231

CAPÍTULO 32 330

ESTIMATIVA DA VARIABILIDADE ESPACIAL DO ÍNDICE RELATIVO DE CLOROFILA POR MEIO DE KRIGAGEM INDICATIVA

Caroline Xavier dos Santos

Elaine de Fatima Miranda Freitas

Sueli Martins de Freitas Alves

DOI 10.22533/at.ed.06318121232

CAPÍTULO 33 338

LÁTEX E ANGIOGÊNESE

Patrícia Lima D'Abadia

Amanda Fernandes Costa

Pablo José Gonçalves

Luciane Madureira de Almeida
DOI 10.22533/at.ed.06318121233

CAPÍTULO 34 356

RESFRIAMENTO DO AMBIENTE INTERNO DE MODELOS REDUZIDOS DE RESIDÊNCIA USANDO A TÉCNICA POT-IN-POT EM PAREDES

Marianne Silva Guimarães
Lídia Alla Silva
Patrícia Sardinha Dias
Isabella Faria Santos
Miriã Moreira Costa
Dra. Raphaela Christina Costa Gomes

DOI 10.22533/at.ed.06318121234

CAPÍTULO 35 366

TRATAMENTO TERCIÁRIO DO CORPO HÍDRICO DO RIBEIRÃO VAI E VEM NO MUNICÍPIO DE IPAMERI – GO CONTAMINADO POR EFLUENTE DOMÉSTICO.

Luciana Maria da Silva
Janaína Borges de Azevedo França
Luana Mesak
Anderson Dias

DOI 10.22533/at.ed.06318121235

CAPÍTULO 36 376

HYDROFLOW: MEDIDOR DE FLUXO DE ÁGUA COM ENFOQUE NO CONSUMO SUSTENTÁVEL

Yonathan Stein
Alex Martins de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.06318121236

SOBRE A ORGANIZADORA..... 392

A INDUMENTÁRIA FEMININA EM ANÁPOLIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 E 1950

Amanda Milanez Fenerick

Universidade Estadual de Goiás, Anápolis – Goiás

RESUMO: O propósito deste trabalho é trazer como objeto de estudo a indumentária feminina na cidade de Anápolis, a fim de contribuir para a reflexão e análise das representações do cotidiano da sociedade goiana na primeira metade do século XX. A indumentária se encaixa como um emblema da vida moderna, componente de um processo de novos valores que emergem na fronteira das intensas transformações do início do século XX. Este artigo destaca, por meio do principal locus de cultura e lazer da sociedade anapolina do período, como a indumentária e a moda são capazes de revelar as características próprias dos sujeitos de uma época.

PALAVRAS-CHAVE: Indumentária. Moda. Mulher. Anápolis.

ABSTRACT: The purpose of this work is to bring as object of study the women's clothing in the city of Anápolis, in order to contribute to the reflection and analysis of the representations of the daily life of the society goiana in the first half of the 20th century. The clothing fits as an emblem of modern life, part of a process of new values that emerge on the frontier of the intense transformations of the early twentieth century.

This article highlights, through the main locus of culture and leisure of the anapolina society of the period, as clothing and fashion are capable to reveal the characteristics of the subjects of an era.

KEYWORDS: Clothing. Fashion. Woman. Anápolis.

1 | INTRODUÇÃO

O que explicaria as transformações na indumentária feminina na cidade de Anápolis entre as décadas de 1920 a 1950? De que maneira a indumentária contribui para a formação de identidades que refletem modelos e padrões dentro da sociedade? Essas são algumas das indagações que norteiam esse trabalho. De acordo com Roland Barthes (2005), não houve uma história da indumentária, propriamente dita, até o início do século XIX. Os trabalhos científicos sobre a indumentária apareceram somente a partir de 1860, em sua maioria trabalhos de eruditos, arquivistas, em geral medievalistas, que tinham o principal objetivo de tratar a indumentária como uma espécie de acontecimento histórico (2005, p. 258). Ainda segundo o autor, o vestuário é objeto ao mesmo tempo histórico e sociológico.

Barros (2004) ressalta que o campo

da História Cultural desde o início do século XX vem discutindo novas formas de tratamento historiográfico, conduzindo o enfoque para o cotidiano, para além de uma história puramente política e econômica que negligenciava o fato de que toda a vida cotidiana esta inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura (2004, p. 57). Hoje, a perspectiva desse campo historiográfico vai além, tanto nos sujeitos como nos objetos estudados. Para Pesavento (2005), a proposta da História Cultural “seria, pois, decifrar a realidade do passado por meios das suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (2005, p. 22).

Dos utensílios à alimentação, do vestuário à moradia, e as próprias condições de trabalho, a História da Cultura Material, como é assim denominada, vem ganhando cada vez mais espaço no hall das produções contemporâneas. Entendida como uma “ramificação” da História Cultural, este campo vem atuar nos domínios das relações cotidianas, entre o público e o privado, dentro das representações estabelecidas pelos diversos grupos sociais.

O tratamento historiográfico da Cultura Material examina as relações mais diretas da vida humana com a materialidade que o cerca, inscrevendo-se, portanto, em uma “teia de relações humanas que não se transforma em um mero inventário descritivo de bens diversos e de suas formas de consumo” (BARROS, 2004, p. 35-36). Dentro dessa nova perspectiva de análise dos objetos, seus usos e expressões, que a indumentária se insere como objeto privilegiado do estudo de certa sociedade em um determinado período histórico.

[...] o historiador da cultura material não estará atento apenas aos tecidos e objetos da indumentária, mas também aos modos de vestir, às oscilações da moda, às suas variações conforme os grupos sociais, às demarcações políticas que por vezes se colocam a uma determinada roupa que os indivíduos de certas minorias podem ser obrigados a utilizar em sociedades que aproximam os critérios da “diferença” e da “desigualdade”. (BARROS, 2004, p. 30).

Símbolo de uma época e sensível às convenções sociais, a indumentária é um fenômeno universal em constante mudança. Ligada aos diversos setores da sociedade, os modos de vestir abrangem transformações que perpassam a esfera da ornamentação pessoal, intervindo nas esferas políticas, sociais, científicas, religiosas e estéticas, próprias de certos períodos e determinados agrupamentos sociais.

No Brasil, o uso da indumentária ganha uma intensificação sem precedentes com a chegada da Corte Portuguesa em 1808 na cidade do Rio de Janeiro. A indumentária da Corte, que seguia o gosto francês, considerado sinônimo de luxo, referência de elegância e modernidade, simbolizava prestígio e ostentava a diferença entre os grupos sociais. Freyre (2013) relata os antagonismos que marcaram a paisagem social do Brasil durante o século XVIII e o XIX, destacando que “a presença de um monarca em terra tão antimonárquica nas suas tendências para autonomias regionais e até feudais, veio modificar a fisionomia da sociedade colonial; alterá-la em seus traços mais característicos” (FREYRE, 2013, p. 65). De acordo com o autor, uma série

de influências sociais e econômicas foi se modificando e ganhando prestígio ao longo desse período.

A base da sociedade brasileira desde os tempos coloniais foi pautada em uma estrutura patriarcal. A “mística do prestígio social” veio se esboçando desde o século XVII, passando pelas casas-grandes de fazendas de engenho, pelo processo de agricultura do século XVIII e pelo desenvolvimento das cidades e de uma nobreza rural que conservaria seus desejos até fins do século XIX e começo do XX. Característico do regime patriarcal, a figura do homem se fazia substancialmente diferente da figura da mulher: “Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo” (FREYRE, 2013, p. 129).

O ideal de moralidade afirmava tais aspectos, dando ao homem todas as oportunidades de ação social e limitando à mulher às atividades domésticas do âmbito familiar e o contato, em uma sociedade fortemente católica, com o confessorário, um meio de aliviar a consciência e libertar-se um pouco da opressão do pai, do avô ou do marido. Na indumentária, não foi diferente, esta simbolizou o patriarcalismo em sua essência. Dos maiores exageros da ornamentação para a distinção tanto entre homem e mulher, como entre classe social, a “perturbação das modas femininas” era dominante na sociedade. A influência do gosto inglês e, principalmente, francês ditava o ritmo da época.

Com a generalização das modas europeias mais requintadamente burguesas e a urbanização dos estilos de vida, outrora rusticamente patriarcais, as deficiências ou os excessos de formas de corpo que não correspondessem às modas de Paris e de Londres foram sendo corrigidos por meio de unguentos, cosméticos, dentes e cabelos postiços, ancas, tinturas para barbas e cabelos, espartilhos. Espartilhos de que, desde a primeira metade do século XIX, aparecem numerosos anúncios nos jornais brasileiros. (FREYRE, 2013, p. 137).

Como destaca Silva (2010), elementos de distinção social no Brasil não eram uma novidade do século XIX: “Cada século possuiu suas próprias maneiras de marcar as distâncias sociais por meio da indumentária e de outros componentes” (2010, p. 48). A partir da segunda metade do século XIX os princípios da urbanização permitiram maior variedade de contato com a vida extradoméstica. Uma avalanche de bailes, jantares e festas invadiram a alta sociedade acentuando um “europeísmo artificial”. A indumentária, evidentemente, era o reflexo da época. “A anquinha por fim desapareceu da roupa feminina, juntamente com os drapeados horizontais nas saias, tão característicos da década de 1880” (LAVÉR, 1989, p. 206).

No final do século XIX e começo do XX a indumentária sofre mudanças diante da heterogeneidade de uma sociedade que passa a lutar com os antagonismos da modernidade. A cidade do Rio de Janeiro, como destaca Pesavento (1999), era a porta de entrada às novas ideias, a profusão do ideal francês permeava o imaginário da sociedade carioca, que sonhava com uma “Paris tropical” transfigurada na forma de metrópole, a forma mais específica de realização da vida moderna. Por sua vez a cidade de São Paulo vivia sua *Belle Époque* parisiense numa versão provinciana, e

se assentava como fonte e foco de criação cultural, afirmando os interesses de uma sociedade que começa a ostentar os símbolos do progresso. O cosmopolitismo da população, todavia, assinalava um nítido recorte social, reforçando a disposição de estranhamento ao processo de metropolização.

As transformações urbanística e industrial e o nível avassalador de mercadorias, mensagens e símbolos, se misturavam aos poucos espaços de lazer e reuniões sociais da época.

Homens e mulheres exibiam-se estabelecendo um tipo de relação na qual suas roupas, conversas e maneiras eram transformados em símbolos que definiam (ou buscavam definir), ininterruptamente, suas diferenças e afinidades. (PADILHA, 2001, p. 93).

Nesse palco a vestimenta era o cenário ideal da metamorfose urbana, que passou a dar lugar a grandiosos salões com amplas vitrines para satisfazer o gosto mais exigente. Como destaca Bourdieu (2000), os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social” e nesse sentido nada melhor do que a indumentária para expressar essa relação. Segundo Souza (1987) a vestimenta “é uma linguagem simbólica, um estratagema de que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de idéias como o estado emocional, as ocasiões sociais, a ocupação ou o nível do portador” (SOUZA, 1987, p. 125). Um novo modo de vida, que passa a incluir a exposição física, inaugura-se no século XX. Hollander (1996) destaca que:

[...] no passado, o apelo feminino ao toque, tinha sido indireto, centralizado na roupa em vez do corpo, que se mantinha oculto e intocável. A cintura vestida por um corpete era um convite ao abraço, enquanto oferecia um apelo perverso junto à recusa” (HOLLANDER, 1996, p. 166).

É ao reconhecer a importância historiográfica da indumentária nas diversas relações sociais, que o intuito do estudo proposto é analisar os modos de vestir do gênero feminino entre as décadas de 1920 e 1950, mais detidamente seus símbolos e representações na cidade de Anápolis. Pouco se sabe a respeito da indumentária utilizada pela população goiana nesse período e a intenção é ilustrar algumas particularidades que foram características dos sujeitos dessa época, a fim de contribuir para as pesquisas acerca das representações do cotidiano da sociedade goiana.

A escolha da cidade de Anápolis advém do fato de ser uma cidade dinâmica e, de certo modo, de fontes acessíveis. As intensas transformações econômicas e sociais que se espalharam pela cidade no período, acredita-se, refletiram diretamente nos modos de vestir da população anapolina. A chegada da estrada de ferro em solo goiano, por exemplo, representou uma das significativas mudanças do período. É a partir desse princípio de crescimento da cidade de Anápolis, período que irá acarretar profundas transformações, que o estudo do cotidiano, mediante os usos da indumentária, permite construir e identificar as diversas representações que o vestuário simbolizou dentro da sociedade, especialmente dentro da esfera do gênero feminino. O estudo da indumentária se apresenta como uma temática estimulante e se caracteriza como

o retrato da memória e da identidade construída pelos sujeitos de uma época.

2 | A INDUMENTÁRIA COMO SÍMBOLO DE UMA ÉPOCA

Nascida às margens do rio das Antas, o povoado de Santana das Antas – hoje Anápolis – foi fundado, oficialmente, no ano de 1871, a partir da construção da Capela de Sant’Anna das Antas. De freguesia em 1873 à vila em 1887, o progresso material e administrativo demonstram o rápido e significativo crescimento do município. De vila foi elevada à categoria de cidade em 31 de julho de 1907, pela Lei nº 320, assinada pelo presidente do Estado de Goiás, Miguel Rocha Lima. A região na qual se localiza o município de Anápolis, de acordo com os registros de viajantes, como Auguste de Saint-Hilaire, já era povoada desde o início do século XIX por fazendeiros.

De acordo com Polonial (2007), a movimentação nesse período se dava pelas atividades comerciais dos tropeiros entre Minas Gerais e Goiás, pela agricultura e pecuária, e pelo aspecto religioso como ponto de integração da população da época. Foram essas as atividades que caracterizaram o povoado da região do rio das Antas entre os anos de 1819 a 1889.

Segundo Chiarotti & Dutra e Silva (2010), é somente a partir do início do século XX que a evolução das cidades no Estado de Goiás se consolida. E é justamente nesse período que algumas melhorias passam a ser introduzidas na cidade de Anápolis, sinalizando um princípio de crescimento urbano e industrial. Para Bertran (1978), o Estado de Goiás no século XX pode ser inventariado como um conjunto de processos espaciais antagônicos, ou pelo menos, duais. A situação começa a mudar na década de 1930 com a chegada dos trilhos, que levou o Estado a vivenciar um grande surto desenvolvimentista.

A cidade de Anápolis teve significativa relevância no quadro da história de Goiás com a chegada da estrada de ferro em 7 de setembro de 1935, um divisor que desempenhou um papel importante tanto na economia quanto no crescimento populacional. Ponto final da ferrovia, Anápolis foi o maior centro comercial do Centro-Oeste, pelo menos até a década de 1950, quando, rivalizando com Goiânia, foi perdendo espaço no cenário econômico da região (POLONIAL, 2011, p.38).

A chegada dos trilhos, a dinamização da economia com o aumento das atividades comerciais, os melhoramentos urbanos, tudo isso fez de Anápolis um pólo atrativo na região e terminou por criar uma rede de dependência, no setor de serviços, entre dezenas de municípios goianos e o município anapolino.

Esse processo foi lento, mas contínuo, e integrou a economia anapolina à economia nacional. A compra e venda de mercadorias cresceu e dinamizou a economia local, transformando a cidade em centro comercial do Estado. (POLONIAL, 1995, p. 33).

Com a chegada da ferrovia, Anápolis foi definitivamente mergulhada no ideal da modernização, sofrendo mudanças substanciais em seu aspecto físico. Novos prédios foram construídos e os antigos estabelecimentos foram reformados, o que, por sua

vez, influenciou diretamente no aspecto social e no aparecimento de uma vida noturna na cidade. Instalaram-se bares e cafés, rádio, fábrica de sorvete, de gelo, cervejaria, bem como melhoramentos nas ruas e estradas de acesso ao município e, é claro, no saneamento básico, a fim de garantir a higiene e saúde. “Tudo precisava ser feito para não permitir críticas dos visitantes, que certamente viriam com os trilhos” (POLONIAL, 2011, p. 63). É certo que a chegada dos trilhos a Anápolis foi responsável por inúmeras transformações, que exerceram influência na cultura e nos hábitos da população local: “Isso porque Anápolis logo seria uma cidade ligada aos grandes centros do país e perderia sua característica de localidade pacata e sertaneja” (POLONIAL, 2011, p. 65).

É nessa efervescência utópica, misto de euforia e receio, que a moda irá encontrar espaço característico para instaurar e despertar desejos. Ser moderno era estar intimamente ligado ao que havia de mais novo, ao inédito. O domínio claramente delimitado entre vida pública e vida privada, tão distinto para a burguesia da *Belle Époque*, já não fazia mais parte do espírito da época e as fronteiras individuais passam a ganhar novos contornos. Souza (1987) diz que a moda é, amiúde, confundida com o costume, o gosto, as manias, entretanto, a moda se encontra em oposição aos costumes, pois estes cultuam o passado, ligando-se assim à tradição, e a moda cultua o presente, adotando sempre a novidade.

A mudança sucessiva nos estilos de vestimenta e nos detalhes da ornamentação do indivíduo, em espaços de tempo cada vez mais breves, indica sensibilidades características da mentalidade de uma época. Laver (1989) frisa que a moda transmite os anseios e inquietações da sociedade, isto é, as variações da moda permeiam todos os momentos, seja na rua, no passeio, nas visitas, ela se espalha como um impulso ora pessoal, ora coletivo.

Em Anápolis essa relação entre moda e modernidade se estabeleceu de forma imperiosa. Comprar e vender os mais variados produtos já fazia parte do cerne da economia anapolina desde a década de 1920, se acentuando em especial com a chegada da ferrovia. Na primeira tiragem do jornal *Correio de Anápolis*, em 10 de março de 1929, antes mesmo da chegada da ferrovia, já é possível encontrar, por exemplo, anúncios de alfaiatarias como o que se segue abaixo:

ALFAIATARIA MINEIRA
de Chiquito Garcez
Talho elegante. Confecção esmerada
Aviamentos de primeira ordem
Preços baratíssimo – Ver para crer!
Avenida Goyaz. Anápolis-Goyaz

(*Correio de Anápolis*, Anápolis, 10 de março de 1929).

O ideal do moderno rondava todos os setores da sociedade anapolina, sendo perceptível em matéria no jornal *Anápolis*, no qual se enfatiza o movimento de construções na cidade, a observação de que eram poucos os prédios que seguiam

a estética moderna da época, ou mesmo, “que tenham sido construídos de acordo com as exigências actuaes” (*Annapolis*, nº 44, 19 de abril de 1936). Até mesmo as simples diversões de outrora passam a ganhar novos horizontes, ainda que modestos. Na obra de Ferreira (2011), é possível destacar algumas das mudanças sutis que ocorreram nos hábitos da população devido à inserção da energia elétrica, do cinema, do rádio e demais símbolos do progresso. Enquanto no final da década de 1910 os namoros consistiam apenas em “tirar linhadas” às escondidas, que não eram decentes se muito longas, na década de 1920 com o cinema e outros divertimentos as moças e rapazes frequentavam as praças e até arriscavam uma roda de conversa. Seja no gosto musical, nas brincadeiras das crianças e, em especial nas roupas, aos poucos a população anapolina passou a praticar cada vez mais em seu cotidiano o ideal moderno.

A fundação do Clube Lítéro-Recreativo Anapolino (C.L.R.A.), em 29 de abril de 1934, é um exemplo da mudança nos espaços da cidade de Anápolis, com o intuito de oferecer aos cidadãos momentos de cultura e lazer. Pensado primeiramente como um local para atender aos anseios dos eruditos, com recitais e peças de teatro, o clube ganhou em seu desenrolar uma veia de entretenimento muito maior, com bailes temáticos e mensais, carnavais, concursos de beleza, baile de debutantes, entre outras atividades, sendo o principal responsável pelos encontros sociais da cidade. A Imagem 1 abaixo retrata um dos bailes de carnaval organizado pelo clube no ano de 1936.



Imagem 1 – Carnaval do Club Lítéro-Recreativo Anapolino.

Fonte: Centro de Documentação da Universidade Estadual de Goiás (CEDOC-UEG). Anápolis, fevereiro de 1936.

Segundo a descrição do Annapolis acerca dos bailes de carnaval, o último baile

do clube mereceu um registro especial pela distinção, animação e entusiasmo de todos os participantes. O salão foi pequeno para conter o número de pares, sendo poucos os que não estavam fantasiados.

Inumeros blocos e cordões concorreram poderosamente para o brilhantismo dos festejos, como os blocos “Malandros”, “Meia Noite”, “Sertanejo”, “Pierrottes”, “King-Kong”, “Ciganas”, “Camponesas”, “Bonecas”, “Turcos”, “Hungaras”, “Almirantes”, “Marinheiros”, “Jockeis”, “Cartolinhas”, etc. etc. Não destacamos nomes, pois todos se apresentaram igualmente alinhados, artisticamente arranjados e vibrantemente entusiasmados (Annapolis, nº 42, 1º de março de 1936, anno I).

Não é possível afirmar de fato que a imagem se trata especificamente do último baile realizado pelo clube, já que no registro do jornal os blocos de carnavais participaram também dos outros dias de festejo promovidos pelo C.L.R.A. Todavia, é nítida a consonância entre o registro das fantasias descrito no jornal e a imagem.

É importante destacar na imagem que as fantasias dos homens e, em especial, das mulheres seguem primordialmente a moda do período com raras exceções, sendo os adornos e detalhes da vestimenta os responsáveis fundamentais pela diferenciação. O corte dos vestidos segue dando uma linha alongada ao corpo e o comprimento permanece longo e abaixo dos joelhos, variando entre a panturrilha e o tornozelo. São comumente acompanhados de meia calça de variados tamanhos.

Na imagem podemos identificar da esquerda para a direita um grupo de senhoritas fantasiadas de “Pierrottes”, com o tradicional chapéu em forma de cone adornado com bolinhas, assim como o vestido. Destaca-se na fantasia o que aparenta ser um espartilho utilizado como roupa de cima, peça que vai dos quadris até o peito e que, feito de tecido resistente e com barbatanas, marca a cintura e resulta em uma silhueta em S. As mangas são levemente bufantes nos ombros e as mãos estão revestidas por luvas que chegam até o punho, pelo mesmo tecido do vestido. É interessante observar que tanto o espartilho quanto as mangas bufantes, por volta de 1909, passam a não fazer mais parte da indumentária feminina (NERY, 2014, p. 194).

O bloco das “Ciganas” apresenta um adereço característico da indumentária desse grupo, o lenço de cabeça. Combinado com o avental na altura da cintura, ambos trazem tecido estampado. A saia, também estampada, é longa e rodada, com leve babado na bainha. A blusa, sem decotes, apresenta mangas na altura dos cotovelos e aparentemente possui botões na parte frontal com um colarinho arredondado. Os cabelos longos e presos um pouco para cada lado dão destaque aos grandes brincos de argolas. Não é possível afirmar se as mulheres estão ou não calçadas.

O bloco ao lado, acredita-se ser o das “Bonecas” devido à delicadeza da vestimenta. O vestido reto com bolas médias e babados de tule na parte inferior apresenta detalhes no punho e uma espécie de gola ondulada ao redor do pescoço. A menina de vestido acima dos joelhos, ao lado de uma das mulheres usa tal gola, o que supostamente identificava a fantasia como sendo de boneca. O chapéu de abas largas, acompanhado na maioria das vezes por flores, aparenta ser transparente. Por fim, a bolsa e os sapatos de salto completam a fantasia.

Destacam-se ainda as fantasias do grupo de mulheres a direita da imagem, podendo ser estas pertencentes ao bloco de “Camponesas” ou “Hungaras”. O pequeno grupo de homens e meninos, também no canto direito, com os clássicos caps de “Almirantes” e/ou “Marinheiros”. E ao fundo, do lado esquerdo, também é possível identificar homens em pé com gola de marinheiro em suas camisas. Em suma, detalhes que particularizam os blocos carnavalescos e indica a qual deles cada indivíduo da imagem possivelmente pertencia.

Diante da riqueza e profundidade de detalhes da imagem, dois pontos curiosos chamam a atenção. O primeiro refere-se às duas mulheres ao lado da menina com fantasia de boneca. A primeira mulher, que parece estar com um vestido preto longo, que traz na barra um detalhe de estrela, está olhando diretamente para a fotografia. Pela imagem e posição da mulher não se sabe ao certo a qual dos blocos ela possa pertencer. A segunda mulher, por sua vez, está ajeitando algo no pescoço da primeira mulher. O que de fato chama a atenção é a vestimenta da segunda mulher. Ela traz na cabeça um chapéu de marinheiro, o que a qualifica como pertencente ao bloco dos “Almirantes” e/ou “Marinheiros”. Sua vestimenta aparenta compor-se de camisa com mangas longas até o punho, calça preta com uma listra na vertical da barra até as coxas, lenço longo amarrado à cintura e sapato de bico arredondado. Mesmo se tratando de um evento carnavalesco do qual teoricamente é “permitido” transgredir as regras tradicionais impostas pelos valores da época é singular o fato de uma mulher estar vestida com trajes essencialmente masculinos.

Embora se configurando como um caso isolado é imperioso observar que tal fato demonstra que porventura na sociedade anapolina as diferenças entre homens e mulheres não fossem tão acentuadas em determinadas conjunturas. E que, a cidade que se dizia cosmopolita e procurava imitar as cidades litorâneas, já mostrava traços de uma atuação e maior autonomia feminina. Por outro lado, é impreterível destacar que o uso de calças por mulheres ainda se caracterizava como um fato totalmente novo, sendo motivo de estranheza e repúdio por parte de ambos os sexos. As chamadas calças largas foram aos poucos se tornando aceitáveis na década de 1930, em especial devido ao seu uso pelas atrizes de cinema. Marlene Dietrich foi uma das atrizes responsáveis pela popularização das calças.

A coluna “A Mulher-Homem” do jornal *Voz do Sul* em 1931 expressa bem a sentimento do período em relação a esse exemplar de vestimenta, prevendo que mais cedo ou mais tarde as calças chegariam a Anápolis.

Está se tornando muitíssimo audaciosa a petulancia da mulher, na invasão do uso e costume do homem. Não se contentaram as filhas de Eva sò com o corte dos cabelos, que lhes adornavam as cabeças. Com essa introdução, aliás antiphathica, deixaram as costellas de Adão de ter ideia curta e cabellos compridos, para terem ideia e cabellos curtos. Nos grandes centros, nos círculos mundanos de todos os paizes que se dizem civilizados, vae sendo muito comentada a audacia de uma modista, *leader* nas innovações atrevidas, de decretar o uso das calças para as senhoras, mesmo como traje de passeio. E isto virá, mais tarde ou mais cedo. E' questão de tempo (*Voz do Sul*, nº 42, 6 de setembro de 1931, anno I).

Em tom “satírico” o trecho faz referência ao novo modo de se vestir, cunhado “nos loucos anos 20” pela estilista francesa Coco Chanel, responsável por mudanças fundamentais nos modos de vestir da época. De acordo com Lehnert (2001), nos anos 20 a moda dá um passo decisivo em direção à modernidade. “Nessa parte, as mulheres, vem mais uma vez, vêm demonstrar a coerência com as conquistas masculinas. Estamos no tempo do carro adiante dos bois” (Voz do Sul, nº 42, 6 de setembro de 1931, ano I).

Outra minúcia curiosa observada na imagem refere-se ao menino fantasiado de marinheiro no canto direito. Sua expressão fixa em direção à fotografia e o ato de tapar os ouvidos sugere que ele ou se assustou ou já esperava a explosão causada pela máquina fotográfica da época. “As fotografias não narram, mas captam aparências momentâneas” (LEITE, 1993, p. 104), atitudes, fisionomias e poses que permitem um novo olhar acerca do acontecido.

É perceptível pelo exposto que o Clube Lútero-Recreativo Annapolino desde sua fundação em 1934, passou rapidamente a fazer parte da rotina cultural da cidade de Anápolis. Nessa vertente de eventos do clube destinados a exposição e exaltação do belo sexo feminino, Ferreira (2011) aponta bailes que a partir de 1937 se tornaram tradição na cidade, como o Baile da Chita e o Baile da Primavera. Em função da inexistência dos números do *Annapolis* no período compreendido entre maio de 1936 a meados dos anos de 1940, não foi possível encontrar referência ao Baile da Chita além das já registradas pela autora. O primeiro Baile da Chita foi realizado em junho de 1937 e o objetivo principal era a escolha dos vestidos mais bonitos. Nesse ano as vencedoras foram pela ordem de classificação: Wanda de Pina Campos, Ruth Pereira Rivero, Olga Salomão, Maria Miotto e Mirthes Rosa (FERREIRA, 2011, p. 2017).

A edição do *Annapolis* de 22 de setembro de 1940 traz um anúncio a respeito da “Festa da Primavera no C.R.A. – O Baile Azul”, assinalando que assim como nos anos anteriores o clube comemoraria a entrada da estação das flores com um grande baile:

Os salões, que serão ornamentados a caráter, ostentarão, no dia 28, lindas toilettes azues, a rigor. Além do mavioso Americano Jazz, abrilhantarão o festival o magnífico conjunto da orchestra Fhenix, de Pyrenopolis. Serão eleitas a rainhas e princesa da primavera, dentre as senhoritas que comparecerem com tolete azul, de baile (*Annapolis*, nº 232, 22 de setembro de 1940, ano VI).

Na edição de 6 de outubro de 1940 a nota sobre o baile afirma que com entusiasmo contagiante de todos os presentes, inclusive da elite ipameriana, a festa durou até as três horas da madrugada animada pelas belas peças do Americano Jazz. As senhoras e senhoritas com lindas vestimentas azuis deram ao salão um aspecto original e empolgante. As vitoriosas da votação do traje mais belo foram: a senhorita Magdala Melo, rainha, Orlandina Tavares e senhora Modesto Medeiros, princesas.

É visível que a indumentária nos bailes do clube assumia posição de destaque, sendo uma das partes fundamentais da programação. Por meio da vestimenta as moças e também senhoras eram vistas, notadas, cortejadas e tinham um papel pré-

estabelecido dentro de um espaço comandado prioritariamente por homens. Aqueles que podiam se associar ao clube eram provavelmente maridos e pais e cabia às esposas e filhas abrilhantar os eventos em nome da família. As eleições de beleza e traje, que como visto aconteciam praticamente em todas as vertentes de eventos realizados pelo clube, representava uma maneira de inserção da figura feminina. Estas seriam lembradas ao longo do ano como rainhas e princesas e eventualmente saudadas ao transitar pela cidade.

Certamente havia na cidade conjecturas de muitas mulheres descontentes com uma imposição de beleza e mesmo do modo como os bailes se realizavam, os quais frequentados por um seleto círculo da elite anapolina privilegiavam apenas certa camada da população feminina. Ao longo do desenvolvimento do clube é factível que este passa definitivamente a assumir tal caráter seletivo, se encaixando nos moldes de uma sociedade pautada na tradição e na exaltação do belo.

Ferreira (2011) aponta que até o final do ano de 1942 o Clube Recreativo Anapolino, já com nova nomenclatura e ortografia, funcionou em sua sede provisória. É somente 11 anos e 6 meses depois da data de sua fundação que o clube inaugura sua própria sede social com um finíssimo e majestoso baile a rigor no dia 6 de outubro de 1945. Na Imagem 2 abaixo a indumentária feminina reflete o brilhantismo do que foi a noite de inauguração do clube. A magnitude desse dia foi registrada pelo jornal *A Noite Ilustrada*, do Rio de Janeiro, contratado especialmente para a ocasião. Segundo França (2010) a inauguração do clube contou com vestidos vindos diretamente dos Estados Unidos para a esplendorosa festa.

Vestidas com *toilettes cintilantes*, as mulheres anapolinas representaram juntamente com a suntuosa construção do prédio a magnitude da nova etapa do clube. O início da década de 1940, marcado por uma indumentária rígida e sem grandes transformações, ganha com o fim dos anos de guerra um novo fôlego, ainda que lento devido à escassez de materiais. “As mulheres queriam voltar a ser femininas” coloca Nery (2014, p. 232), e os longos vestidos, rodados, com babados e detalhes era a inspiração.



Imagem 2 – Inauguração da sede própria do Clube Recreativo Anapolino.

Fonte: Centro de Documentação da Universidade Estadual de Goiás (CEDOC). Anápolis, 6 de outubro de 1945.

Na imagem, o que primeiramente chama a atenção, são os vestidos em tecidos brilhosos, provavelmente em seda, que reluzem em meio aos outros modelos. A bainha sobressaltada por várias camadas de tule dava movimento ao caminhar feminino pelo salão. As mangas, mesmo mais curtas, cobrem os ombros e ganham drapeados e ondulados. Algumas possuíam até mesmo ombreiras acolchoadas, um resquício da linha clássica dos anos anteriores. Os cabelos já não estavam mais tão curtos, permitindo que os penteados literalmente dominassem a cabeça das mulheres, acompanhados de adornos como flores e chapéus. As joias davam o toque final de distinção à vestimenta.

O início dos anos de 1940 é um período em que os Estados Unidos ganha destaque no ramo da Alta Costura, impelido a produzir modelos inteiramente originais já que Paris, o centro da moda, estava isolada e em racionamento. Talvez esse tenha sido um dos motivos para que algumas mulheres anapolinas tenham adquirido nos E.U.A. seu vestido para o grande baile de inauguração. Tal fato afirma ainda a qual público o clube efetivamente iria atender nessa nova fase. As altas despesas demandadas com a compra de vestidos vindos diretamente de fora do país era uma exclusividade de poucas famílias anapolinas.

Após o fim da guerra o *New Look* de Christian Dior, que gastava entre 15 e 50 metros de tecido marcou o final dos anos de 1940. Mesmo tendo duração efêmera de 3 anos, esse estilo de vestimenta “explodiu como uma bomba, marcando o fim de uma época e o começo de outra, com sua linha super-feminina, profetizando um futuro no qual as mulheres, mais uma vez, seriam belas e desejáveis” (NERY, 2014, p. 232). Segundo Stevenson (2012), as coleções de Paris em 1947 anunciaram o que veio a ser conhecida como “a Idade de Ouro da alta-costura”, reestabelecendo mais uma vez

a capital da moda. Se de fato o *New Look* chegou há Anápolis não se sabe, todavia ele provavelmente invadiu as revistas femininas e os pensamentos e desejos de muitas mulheres.

O baile de inauguração do Clube Recreativo Anapolino representava a abertura para o que seria, segundo Ferreira (2001), sua fase áurea. Os tradicionais eventos, como o Baile da Chita e Baile da Primavera se uniriam a uma nova e diversificada programação, como “As Domingueiras do CRA” que voltariam a recheiar o clube com as mais gloriosas personalidades de Anápolis e região. A comemoração do cinquentenário da cidade, em 31 de julho de 1957, não poderia ser em outro lugar se não no principal *locus* de reunião da sociedade anapolina. No final de 1946 a mulher passa a fazer parte da diretoria do clube. “Foi organizada uma comissão de festas, composta pelas senhoras e senhoritas: Stela Dalva Leite, Adália de Faria Foster (...), Neusa Medeiros, Anita Pinto e Eugênia de Pina Campos” (FERREIRA, 2011, p. 214). Esposas e filhas dos elementos associados ao clube, muitas das mulheres citadas no trecho participaram ativamente dos eventos do clube desde seu início, sendo coroadas rainhas e princesas.

Na atualidade, após ter passado por uma mudança arquitetônica em sua estrutura, o prédio do Clube Recreativo Anapolino não possui mais a imponência de outrora, sufocado em meio às lojas no centro da cidade. Até a década de 1980 o clube conseguiu manter suas atividades, realizando principalmente bailes e formaturas. Na década de 1990, entretanto, com a criação de novos locais de lazer na cidade, o clube se vê obrigado a alugar suas instalações. Hoje, o prédio está locado pela Prefeitura Municipal e abriga a Escola de Dança de Anápolis e encontra-se descaracterizado arquitetonicamente. Em um novo endereço afastado do centro da cidade, o clube desenvolve atividades esportivas. Depois de décadas sendo o estímulo e representante da cultura anapolina, o clube carrega no momento apenas as memórias de uma época gloriosa.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão proposta nesse trabalho visa o estudo dos modos de vestir das mulheres da sociedade anapolina no tocante a um período de intensas transformações da cidade, objetivando perceber como se construíam as relações entre os sujeitos da sociedade goiana. Um olhar sobre a indumentária feminina permite pensar determinadas particularidades do cotidiano da mulher anapolina, do qual é possível associar à indumentária aos hábitos e costumes da época, atentando para o comportamento característico do período.

Mesmo com as mudanças provocadas pelo princípio de modernização na cidade de Anápolis, dentro do período aqui destacado, entre os anos 1920 e 1950, é notória a perpetuação de uma tradição de diferenciação das relações entre homens e mulheres, o que indica um conservadorismo presente nos espaços da sociedade anapolina. A

vida urbana conserva os recônditos da mulher, que permanece reservada ao “destino natural” de ser mãe e dona de casa.

O que contava eram as regras e a aparência, dentro dos padrões estaria assegurada a felicidade da mulher e, o mais importante, a felicidade do marido, do casamento. A indumentária representava o espelho da “boa moral”, do qual a mulher sempre devidamente bem vestida, nos limites da decência, deveria transmitir ao mesmo tempo a imagem da ingenuidade e o despertar da curiosidade masculina, um padrão de moralidade “burguês” de se comportar e de se vestir, que se reflete na estruturação dos espaços sociais, na residência familiar e no trabalho.

De maneira geral, as roupas são uma forma de comunicação, um meio pelo qual o indivíduo se define socialmente. Nesse processo de transição da figura feminina, da mulher do lar para a mulher da cidade, a indumentária teve papel fundamental como a expressão dos anseios mais ocultos do mundo da mulher. As anapolinas buscaram pouco a pouco por meio de suas vestimentas não só “estar e fazer parte da moda”, como se libertar das amarras dos preceitos tradicionais.

O estudo da indumentária se apresenta como uma temática estimulante e se caracteriza como o retrato da memória e da identidade construída pelos sujeitos de uma época. Ainda há poucos trabalhos que abordam tal temática, em especial a cidade de Anápolis, e o objetivo é estimular a produção de novos trabalhos na área.

REFERÊNCIAS:

ANNAPOLIS. Museu Histórico de Anápolis Alderico Borges de Carvalho, 1935-1960.

CORREIO DE ANNAPOLIS. Museu Histórico de Anápolis Alderico Borges de Carvalho, 1929.

VOZ DO SUL. Semanário independente, literário e noticioso. Museu Histórico de Anápolis Alderico Borges de Carvalho, 1930-1935.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARTHES, Roland. Moda. In: BARTHES, Roland. Roland Barthes (1915-1980). **Inéditos vol. 3:** imagem e moda. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: MWF Martins Fontes, 2005.

BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás.** Goiânia: Oriente, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 3ª ed.

CHIAROTTI, Miriam Vanessa de Moraes; DUTRA & SILVA, Sandro. Economia e posicionamento estratégico: fator de desenvolvimento de Anápolis. In: **Cadernos de Pesquisas** – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Ano 2, nº 2. Anápolis, Goiás, 2010.

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis, sua vida, seu povo.** 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2011.

FRANÇA, Elizete Cristina. Clube Recreativo Anapolino (CRA): uma história de amor e de magia. In:

Cadernos de Pesquisa – Museu Histórico de Anápolis Alderico Borges de Carvalho, ano 2, nº 2. Anápolis, Goiás, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global, 2013. 1ª ed.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LAVAR, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEHNERT, Gertrud. **História da Moda do século XX**. Trad. J.M. Consultores S.A. Alemanha: Konemann, 2001.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: EDUSP, 1993.

NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino**. 7. reimp. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014. 304 p.

PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20**. São Paulo: Annablume, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Ensaio sobre a história de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.

POLONIAL, Juscelino Martins. Anápolis: das origens do povoado à revolução de 1930. In: TOSCHI, Mirza Seabra (org.). **100 anos: Anápolis em pesquisa**. Anápolis: Grupo Vieira, 2007.

SILVA, Camila Borges da. **O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.